

Regurgitofagia – a poesia expandindo suas fronteiras

Idéias. Jornal do Brasil, 11/09/2004

O livro *Regurgitofagia* de Michel Melamed é a parte textual – e autônoma – de um espetáculo poético completo encenado pelo autor no teatro Sérgio Porto. Ligado a uma máquina que captava as reações da platéia (risos, tosses, aplausos, vaias, puns) e as transformava em choques elétricos em seu corpo, a figura de Michel (“pisciano, judeu, poeta e carioca—correntista do Itaú”) no palco, vestido numa túnica negra de mártir, mendigo e monge, lembrava imediatamente as figuras inesquecíveis das vanguardas européias do início do século XX. O dadaísmo de Tzara, mas mais que Tzara, Hugo Ball, recitando seus poemas sonoros; o nunca compreendido Jarry (em cuja filosofia o trabalho de Melamed parece encontrar surpreendentes ecos); a música de Satie.

Sempre reinventando a linguagem, criando uma etimologia própria (“Regurgitofagia = Novamente a identidade da linguagem seduz e espanta a musicalidade do prazer que fica”), o trabalho de Melamed vem justamente falar do esgotamento dessas vanguardas, ou melhor, do excesso, excesso de significados, informações, conceitos e produtos que nos são constantemente empurrados goela abaixo. Se um dia o Manifesto Antropófago modernista fez sentido, hoje seria necessário ‘vomitar’ o excesso, ‘descoisificar’ o homem, acabar com as altas incidências de ‘cárie mental’ causada pelo “consumo exagerado de enlatados americanos, novelas açucaradas e conceitos embutidos”. Usando o humor e o nonsense como grande arma (“porque as três marias + os sete mares são os dez mandamentos/ e as 7 maravilhas do mundo menos os 3 porquinhos/ são as 4 estações....”— quando foi a última vez que

boa literatura e humor se uniram desta forma?) a literatura de Melamed, no entanto, não tem nada de ingênua. Ela sabe o que diz, e diz de forma inequívoca.

O elemento central dessa grande performance poética de Melamed é a máquina—que ele usa (assim como o seu próprio corpo) como forma de radicalizar sua linguagem. O tal ‘pau-de-arara’ não é brincadeira, cada vez que alguém se remexia na cadeira, o poeta levava um choque de verdade, e pelo jeito não era um choquinho à toa, qualquer; eu fiquei longe. A especulação sobre o tema da máquina é uma das possíveis aproximações do trabalho de Melamed com o de Alfred Jarry (as outras seriam o conceito de Duração e o peculiar uso da ‘etimologia’), inclusive na sexualização das coisas, o feminino transformando-se em máquina (em Melamed: “... já me masturbei no gabinete do computador, em copos de requeijão, e mesmo com o auxílio de uma cadeira meti na frincha do aquecedor do chuveiro... enviesado eu não vejo nuances femininas... há muito que me acostumei a esta prática e não sinto mais desejo por mulheres...”). No espetáculo *Regurgitofagia*, é a máquina que atua sobre o corpo humano, é ela que ‘sente’ as reações da platéia e que ‘atua’ sobre o a(u)tor. Desta forma, o poeta termina o espetáculo de forma contundente, numa Rio de Janeiro coberta de neve (“são as neves de março que fecham o verão. e promessa nenhuma. nunca mais.”) depois de descrever um dia do homem-de-lata, cercado por objetos de carne e osso, cartilagem, sangue e gordura.

Michel Melamed foi um dos fundadores e organizadores do projeto CEP 20.000 (CEP = Centro de Experimentação Poética). Seu livro (que inclui um CD com trechos do espetáculo), remete a esse espírito salutar de experimentação, de embate corporal com o fazer poético. Como escreveu Alberto Pucheu sobre *Regurgitofagia*, o poeta tira sua força da “encruzilhada

entre poesia, performance e artes plásticas”. De fato, as artes visuais—que há muito abandonaram a exclusividade da tinta e do pincel para apropriarem-se de *tudo*, inclusive do pensamento filosófico e poético, em seu corpus—estão presentes no livro, e não somente no esmerado projeto gráfico, que incorpora conquistas já estabelecidas pelos movimentos concretista e neo-concretista, mas de formas ainda mais sutis e elaboradas. A capa e a contra-capas, por exemplo, parecem dialogar com as experiências sobre a palavra poética/sua leitura de Rosana Ricalde (no MAC-Niterói), e os jogos interativos propostos por Melamed em seu livro, fazendo do leitor o autor, nos remetem às experiências de arte como “ato de vida” de Lygia Clark e Hélio Oiticica nos anos sessenta, e, apenas para usar um exemplo mais contemporâneo, ao “YOUwillbecoME” de Ricardo Basbaum.

Com *Regurgitofagia*, Michel Melamed leva a poesia para além dos limites tradicionais do seu suporte (livro), dos seus materiais (palavras), e—principalmente através do humor e do lúdico—dos seus temas e técnicas ‘específicos’ e canonizados.